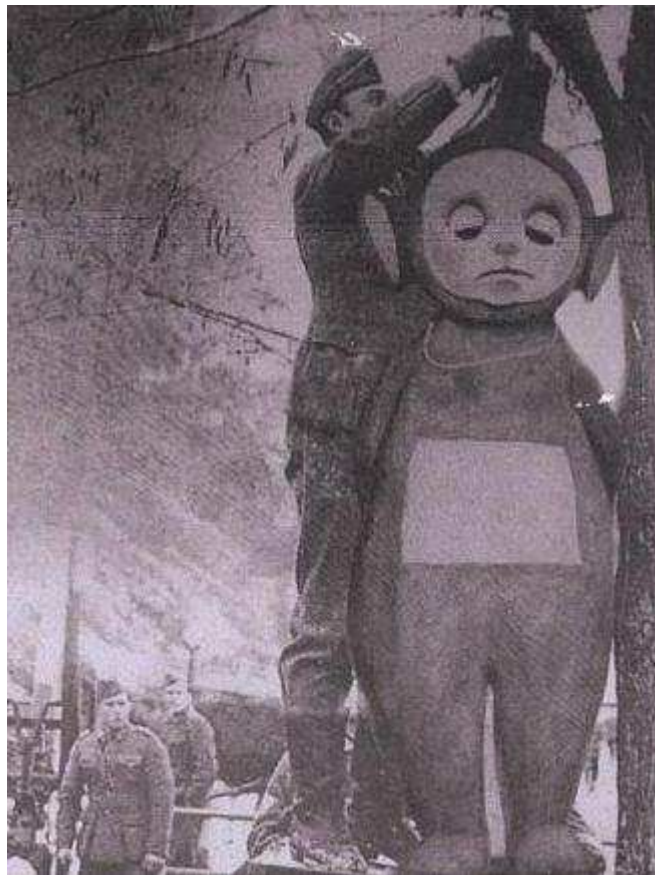


Você ainda acredita no holocausto?

*“46 importantes perguntas ainda sem resposta
sobre as câmaras de gás nazistas”*



David Cole

ÍNDICE

Sobre o Autor

Introdução: Apologia ao Revisionismo

1. A Questão do Zyklon-B
2. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau (Polônia).
3. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Mauthausen (Áustria).
4. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Dachau (Alemanha)
5. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Majdanek (Polônia).
6. Quatro perguntas sem contestar sobre Stutthof

Sobre o Autor

O caso de David Cole evidencia a repressão que o sistema impõe àqueles que expõem as falsas bases da estória do “holocausto”, que passam a sofrer todos os tipos de ameaças. Sendo de origem judaica, pode-se supor que o posicionamento de contestação tomado pelo autor causasse algum tipo de furor em sua comunidade. Porém, o que se deu a seguir foi algo de proporções inimagináveis, sem precedentes em todo meio historiográfico mundial.

Considerando-se um cético em busca da verdade, o autor procurou por si a evidência – ou sua ausência – dos gaseamentos homicidas supostamente ocorridos em Auschwitz e em outros campos de concentração. Segundo Cole, “*os estudos são baseados em meus próprios exames da evidência física*”, que o levaram a examinar *in loco* sobre os supostos locais do crime.

Após atestar a falsidade das alegações, tanto técnicas quanto aquelas provenientes de testemunhas, tornou-se descrente dos gaseamentos supostamente cometidos pelos alemães. Este inconformismo para com a mentira inevitavelmente levou-o a se alinhar com o revisionismo histórico, tendo ingressado no *Institute for Historical Review* (Instituto para a Revisão Histórica) e no *Comitee for Open Debate on the Holocaust* (Comitê para o Debate Aberto do Holocausto).

Neste período, produziu o que hoje deve ser a produção revisionista mais conhecida em todo o mundo, um documentário independente, chamado “David Cole entrevista o Dr. Franciszek Piper”, mais popularmente conhecido como “*David Cole em Auschwitz*”; Nele, o autor vai aos campos de Auschwitz-Birkenausuas para mostrar suas investigações e descobertas no próprio local dos acontecimentos.

Utilizando a credencial especial de ser um *judeu*, lhe é permitido ter acesso às áreas altamente restritas aos visitantes *comuns* do campo. Durante a visita exclusiva, é mostrada a ele a piscina na qual os internos praticavam natação – um local que é excluído do *tour* regular do campo. Talvez pelo fato de que causaria um impacto negativo àqueles que buscam no campo um exemplo do cruel extermínio humano perpetrado pelos alemães contra os judeus.

Nos quase 60 minutos de seu documentário, mentira após mentira é exibida e desmascarada. É exposta a bizarra forma que a visita ao campo é conduzida, propiciando ao visitante uma experiência de luto aliada a um total consumismo. Cole perspicazmente definiu o *tour* como, “*uma mistura de reverências religiosas com um comércio grotesco de souvenirs, para que o turista não perca nem mesmo um instante, ou detalhe, da ‘solução final’*”.

Durante o documentário, foram realizadas algumas entrevistas. Dentre elas a do Dr. Franciszek Piper, diretor do campo, é especialmente reveladora. Nela, o entrevistado se contradiz inúmeras vezes quando é perguntado sobre o funcionamento das câmaras de gás e o motivo da ausência de vestígios do gás mortal (Zyklon-B) nelas. Piper chega até mesmo a dizer que elas eram utilizadas, no máximo, 30 minutos por dia e, logo na pergunta seguinte, que tais câmaras funcionavam dia e noite, sem descanso.

Durante a visita, também lhe é confiado por sua guia que o que se diz ter sido um crematório e câmara de gás, em Auschwitz é, na realidade, uma construção do pós-guerra feita pelos soviéticos.

Não é necessário dizer que este documentário veio como uma bomba para aqueles que vivem do *holocausto*. Como poderia um próprio congênere – como se refere, ironicamente, o também judeu e revisionista *Roger Dommergue Polacco de Menasce* –, sabotar de tal forma aos *planos* e o *Lobby* de seu próprio povo?

A resposta foi rápida e Cole logo foi colocado na lista negra das organizações sionistas dos EUA, sendo chamado até mesmo de traidor pelo simples fato de suas pesquisas terem apontado a falsidade holocausto. Em certa ocasião, chegou a sofrer um ataque por membros da *Jewish Defense League* (JDL, Liga de Defesa Judaica) enquanto discursava sobre o tema. Isto forçou que se escondesse, temendo pela própria vida. O ápice da perseguição aconteceu quando foi publicamente jurado de morte pelo então líder da JDL, Irv Rubin¹ que chegou a colocar um valor por sua cabeça no site do órgão:

“A JDL deseja saber a localização do negador do Holocausto, David Cole – retratado acima. Qualquer um que nos der seu endereço correto receberá uma recompensa monetária. Contatem-nos através de nosso e-mail imediatamente se você tiver alguma informação que leve à atual localização de David Cole.”

Logo as ameaças se voltaram contra sua própria família. Provinham de todos os lados. Desde anônimos da JDL até o *Mossad*, serviço secreto israelense. Nada foi feito pelo governo americano para lidar com esta situação, deixando o revisionista e sua família a própria sorte.

Nunca saberemos a angustia pela qual Cole passou neste período. O temor por sua vida e especialmente pela de seus familiares fez com que, por quatro anos, ele recusasse toda aparição pública. No fim deste período, em 1998, renunciou a todas as atividades revisionistas, dizendo que, naqueles dias, não passava de um judeu “*auto-odiador*”, que tinha vergonha por seu passado e pedia perdão para a JDL e, especialmente, a seu líder. Para ele, acrescentou que sua retratação deveria ser divulgada o mais amplamente possível.

O caso de David não é único. Vemos revisionistas como Vincent Reynouard, francês, pai de oito filhos, sendo atirado às masmorras por não compactuar com a historiografia oficial; a advogada Sylvia Stolz, presa por defender nos tribunais o revisionista Ernst Zundel, foi considerada *muito enfática* na não-existência do holocausto, o que lhe rendeu uma pena de três anos e uma proibição de cinco para o exercício do direito. Um caso único em toda a história jurídica global em que o advogado é preso por defender seu cliente da acusação.

¹ Em 2002, muito depois das ameaças feitas a Cole, Rubin foi preso juntamente de outro membro da JDL, pois estavam planejando um atentado à bomba contra o congressista de origem libanesa da Califórnia, Darrell Issa, e também contra uma Mesquita ao sul daquele estado. Isto mostra o quão sérias eram as ameaças ao revisionista e sua família.

Ainda há casos como o do historiador polonês Dariusz Ratajczak que, após expor em seu livro, “*Temas Perigosos*”, pesquisas que apontavam mentiras sobre as câmaras de gás em Auschwitz-Birkenau, perdeu seu cargo de professor em uma universidade, suas posses, e acabou sendo encontrado poucos meses depois morto dentro de seu carro.

O drama de David serviu como um assustador prefácio da luta que todos os revisionistas do holocausto enfrentam para revelarem ao mundo as mentiras espalhadas por este Lobby. Tal qual o Prometeu acorrentado, o drama da luta revisionista consiste em querer levar a *luz* da *verdade* a um mundo coberto de sombras.

Arjuna

Introdução: Apologia ao Revisionismo

Descobrir como realmente sucederam-se os fatos históricos da Segunda Guerra Mundial é de extrema dificuldade. A ideologização da historiografia, motivada pelas é a principal culpada por este obscurecimento, pois, para justificar as políticas adotadas pelos vencedores durante e após o conflito, procura ocultar e deturpar os acontecimentos.

Parte desta política foi além da historiografia e consistiu na “adjetivação” de tudo o que tenha envolvido o governo alemão daquele período, que se tornou sinônimo de crueldade e do Mal. A partir desta constatação o líder do Movimento Rexista belga e das legiões Valãs das Waffen-SS, León Degrelle, chegou à conclusão de que as pessoas passaram a se portar da mesma forma que o cão do experimento de Pavlov que, após um processo de condicionamento, bastava escutar o toque de um sino para salivar compulsivamente, percebendo que o momento de sua alimentação havia chego.

O mesmo raciocínio é aplicado a alguns que ao escutarem as palavras “*Hitler*” e/ou “*Holocausto*”, subitamente perdem todo o controle de sua racionalidade, agindo de forma similar ou idêntica àquela do cão utilizado no experimento do russo. A única diferença é que, desta vez, a euforia não é indicativa do recebimento do alimento, mas de um tipo de reflexo tão primitivo quanto este – o ódio condicionado.

Estas estranhas *palavras mágicas* – *Hitler*, *Holocausto* – são tão poderosas quanto aquele “abre-te sésamo”, do conto de Ali Babá. A diferença consiste que, desta vez, seu pronunciar faz com que se abram portas às camadas mais ocultas do substrato psíquico humano, animando ao primitivo e obediente *Golem* – como aquele do mito judaico. Neste processo mental, as mais sórdidas imagens *freudianas* vêm à tona, trazendo as mais cruéis e vis mentiras dentre tudo aquilo que é contado há décadas sobre o assunto. Contos sádicos como: *abajur judeu*, *sabão judeu*, *sopa de judeu*, *papel de judeu*, *cachorro judeu*, *cadeira de judeu*, etc. etc. etc.

Ao leitor não-familiarizado com a historiografia oficial, tal enredo pode parecer absurdo e sua propagação aos quatro ventos, irracional. Porém, são justamente estas tais *fantasias* – criadas por mentes que dificilmente poderiam ser consideradas sãs –, aquelas que se fixam com maior profundidade no substrato inconsciente humano. Logo, estas estórias são o calcanhar de Aquiles de todos aqueles que não estão preparados para pensar, mas apenas para reagir aos estímulos dados.

Assim, percebe-se o tamanho das dificuldades que precisam ser enfrentadas para acordar e libertar-se das amarras da única “*crença*”² aceitável na modernidade. E este é o papel dos revisionistas – ajudar no esforço de retirar o ser humano de seu atual estado de letargia, que o tem afligindo por tanto tempo. Porém, é normal que a atitude daqueles que só podem continuar a dominar se a letargia persistir, seja a de oprimir tudo aquilo que atente contra seu ganha-pão, chegando até mesmo ao ponto de criar leis especificamente para combater aos que comentam o crime de perguntar.

² Levando em consideração de que TODAS as outras crenças religiosas estão passíveis a críticas, e que o Holocausto representa a única que não deve ser discutida, sob penas legais ou “*sociais*”, deve-se ter em mente que, assim, este representa a mais elevada crença espiritual dentre todas aquelas dos homens.

Deve parecer óbvio a qualquer um que o aparato criado para combater aos que ousam colocar em dúvida apenas uma questão historiográfica responde a interesses escusos. Mario Novello, o físico e astrônomo que escreveu um livro destinado a quebrar a idéia de uma suposta hegemonia da teoria do Big Bang no meio acadêmico, alerta no prólogo de sua obra:

“Como a divulgação científica se destina, na maior parte das vezes, a não especialistas – que não possuem as ferramentas formais para avaliar criticamente o que lhes é apresentado –, toda afirmação que se faz e que não teve ainda sua veracidade confirmada pelos métodos convencionais, absolutos e universais da ciência deve exhibir para o ouvinte e/ou o leitor sua condição limitada ou provisória. Caso contrário, como já comentei, esse uso indevido do status elevado que a ciência possui nada mais será que uma “máscara atrás da qual se esconde um poder político que não ousa se declarar como tal”.³

Poderia algum livre-pensador expor melhor do que Mario Novello, um “astrônomo revisionista” o que está em jogo? Será que, se as leis destinadas cercear a liberdade de expressão continuarem a ser aprovadas, o autor desta citação, que exprime de forma EXATA os pensamentos e anseios dos revisionistas, será também processado?

Podemos chegar somente a uma conclusão acerca do motivo pelo qual se pretende tão desesperadamente atentar contra a liberdade de se expressar. E tal conclusão é a mesma que chegou o físico e astrônomo brasileiro – de que por trás das leis de controle do pensamento, existe uma “máscara atrás da qual se esconde um poder político que não ousa se declarar como tal”.

Arjuna

³ NOVELLO, Mario – Do Big Bang ao Universo Eterno. Jorge Zahar, 2010. P. 15

1. A Questão do Zyklon-B

Nos antigos campos de concentração de Auschwitz e de Auschwitz-Birkenau, temos o seguinte: Os edifícios que em sua época serviram para tirarem os piolhos ainda possuem grandes traços do gás Zyklon-B, que se utilizou nestes edifícios para a desinfecção de roupas, colchões, etc. Além disso, há manchas azuis escuras nas paredes, tanto no interior das câmaras de desinfecção, como DENTRO dos corredores entre as estas câmaras e FORA do edifício; nas PAREDES EXTERIORES das instalações de desinfecção.

Contudo, nos interiores da câmara de gás Krema 1 (no Campo Principal de Auschwitz) e nas câmaras Krema 1 e Krema 2 (Auschwitz-Birkenau), aonde se diz que centenas de milhares, senão milhões de pessoas foram gaseadas, existem somente pequenos traços de Zyklon-B e nenhuma mancha azul.

Além disso, os barracões e oficinas de Auschwitz que foram fumegados com o Zyklon-B de vez em quando, mostram traços similares deste gás e mancha azul alguma.

1. Que explicação pode haver para os baixos níveis de traços e a ausência de manchas azuis nas câmaras de gás homicidas?
2. Se alguém sugerir que as evidências de Zyklon nas câmaras de gás homicidas foram “eliminadas pelo tempo”, como se pode explicar os traços e a mancha FORA dos complexos de desinfecção... vestígios que NÃO foram eliminados com o tempo, depois de cinquenta anos?
3. Sugeriu-se que a quantidade de Zyklon-B necessária para matar pessoas, inclusive a milhões delas de forma acumulada, não deixaria traços tão importantes como aqueles da quantidade necessária para matar os piolhos nas câmaras de desinfecção. Mas, quando notamos os traços do gás que ainda existem nos barracões e oficinas do campo, vemos que gaseamentos não freqüentes ainda deixam ALGUNS traços. Por isto temos traços nas oficinas e barracões do campo, que revelam níveis de vestígios que permanecem mesmo depois de cinquenta anos do fato, nas locações que foram gaseadas de forma não freqüente.

Então temos as câmaras de desinfecção, que revelam níveis de traços que permaneceriam depois de cinquenta anos do fato nas locações que foram gaseadas freqüentemente. Não poderia se esperar que as quantidades de vestígios nas câmaras de gás homicidas tivessem, senão graus tão altos quanto naquelas das habitações de desinfecção, AO MENOS significativamente superiores àqueles de edifícios que foram desinfectados somente de forma não freqüente? Contudo, os traços nas Krema 1, 2 e 3 não são marcadamente superiores que aqueles das oficinas e barracões. Isto não sugere que os traços que SIM, existem, nas Krema 1, 2 e 3 devem-se à mesma rotina de fumigação que todo o resto dos edifícios tiveram?

4. Uma vez que alguém tenha formulado alguma explicação para os pequenos traços e a ausência de manchas azuis nas Krema 1, 2 e 3 em Auschwitz, então, como esta pessoa pode explicar os ALTOS níveis de vestígios de Zyklon-B e as

PROFUNDAS manchas azuis, que vão desde o SOLO AO TETO em três das quatro câmaras de gás de Majdanek? Diz-se que muito menos pessoas foram assassinadas em Majdanek do que em Auschwitz. As quatro câmaras de gás de Majdanek nunca tiveram de desenvolver o mesmo nível de trabalho do que aquelas das Krema 1, 2 e 3. Contudo, enquanto as Krema 1, 2 e 3 apresentam somente pequenos traços, além de nenhuma mancha azul; três das quatro câmaras de gás de Majdanek apresentam vestígios importantes e profundos de manchas azuis. Como pode ser possível que um gaseamento de MAIORES quantidades de pessoas (em Auschwitz) deixe somente pequenos traços e nenhuma mancha azul, enquanto que uma quantidade muito MENOR (em Majdanek) deixa importantes vestígios, além de profundas manchas azuis?

5. As câmaras de gás do campo de Majdanek não somente possuem grandes manchas azuis de Zyklon-B em seu INTERIOR; mas também nas paredes EXTERIORES. Como se pode explicar isto? As instalações de desinfecção em Birkenau possuem grandes manchas azuis em suas paredes exteriores – as quais se dizem provenientes dos colchões apoiados sobre as paredes exteriores e golpeados após sua desinfecção (para eliminar resíduos de Zyklon-B). Não sugerem estas grandes manchas azuis nas paredes exteriores das câmaras de gás de Majdanek que estas foram utilizadas somente como instalações de desinfecção? Não está identificado o edifício na qual estão as câmaras, como sendo apenas complexo de “Banho e Desinfecção”? Se, da mesma forma que acontece em Auschwitz, é dito que ao gasear as pessoas, não se deixam manchas azuis nas paredes INTERIORES das câmaras de gás homicidas; então, como que no campo de Majdanek, o mesmo pode deixar manchas azuis provenientes gaseamento de pessoas não somente nas paredes INTERIORES, mas também nas EXTERIORES?
6. Para acrescentar ao caso do Zyklon-B, podemos observar às câmaras de gás Nazistas e também aos seus respectivos traços do gás Zyklon-B:
 - Krema 1 (Campo principal de Auschwitz): pequenos traços do gás, sem manchas azuis.
 - Krema 2 (Auschwitz-Birkenau): Pequenos traços do gás, sem manchas azuis.
 - Krema 3 (Auschwitz-Birkenau): Pequenos traços do gás, sem manchas azuis.
 - Câmaras de gás 1, 3 e 4 de Majdanek: Fortes traços do gás além de grande mancha azul (nas paredes interiores e exteriores).
 - Câmara de gás de Dachau: Sem traços do gás, sem mancha azul.
 - Câmara de gás de Mauthausen: Sem traço algum do gás e sem mancha azul.

A explicação revisionista ao exposto acima é:

- As Krema 1, 2 e 3 (Auschwitz-Birkenau) não foram utilizadas como câmaras de gás – o único Zyklon-B que viram foi o proveniente das rotineiras fumigações do campo.
- As câmaras 1, 3 e 4 (Majdanek) foram habitações de desinfecção, como as existentes em Auschwitz-Birkenau.
- A câmara de gás de Dachau foi uma ducha.
- A câmara de gás de Mauthausen foi uma ducha.

Que teoria pode ser apresentada para explicar os altamente divergentes resultados em relação ao estado destes vestígios de Zyklon-B nas câmaras de gás, por vez que se mantém o conceito dos massivos gaseamentos homicidas nestes campos?

2. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau (Polônia).

7. Porque se deixou a área entre as Krema 2 e 3 – isto é, a área na qual milhares de pessoas marchavam diariamente rumo à morte – totalmente aberta, sem cerca alguma? As valas que existiam em todo o perímetro do campo deixavam fora do alcance das balas, disparadas desde o solo e também da torre dos guardas, a qualquer pessoa. Por que os Nazistas se arriscariam a uma tentativa de fuga, especialmente se for considerado o fato de que muitos dos internos eram gaseados após terem estado algum tempo no campo; sabendo estes de seu destino, por que marchariam para dentro de qualquer um destes edifícios? Não indica o Museu Estatal de Auschwitz que os internos se “amotinavam” freqüentemente enquanto eram conduzidos em direção às Krema 2 e 3?
8. Por que não foram camufladas de forma alguma as Krema 2 e 3 da vista dos internos? Não se afirma no Museu Estatal de Auschwitz que os gaseamentos pararam de ocorrer na Krema 1 (Campo Principal de Auschwitz) e que eles foram transferidos à Birkenau, pelo fato de que os internos começavam a ter idéia do objetivo homicida da Krema 1? Por que, então, colocaram-se as Krema 2 e 3 a plena vista de todos os setores do campo de Birkenau, sem qualquer tipo de camuflagem? Isto não teria criado centenas de milhares de “testemunhas” e, assim sendo, os internos não tomariam plena consciência dos extermínios (e, muitos destes, ao serem transferidos para outros campos em várias partes da Europa, não “dar-no-iam a conhecer ao mundo”, desta maneira)? De qual forma isto poderia sequer beneficiar aos Nazistas?
9. Afirma-se que existiam quatro buracos nos tetos das Krema 2 e 3, que serviam como vias de entrada para a colocação do Zyklon-B. A melhor evidência para saber que estas vias existiram são as fotos aéreas tomadas pelos americanos durante a guerra. Existe alguma discrepância entre o tamanho destes buracos, como são representados nas fotos aéreas dos americanos, e como são mostrados no primeiro modelo da câmara de gás do Krema 2⁴, no tamanho teórico indicado por **Jean-Claude Pressac** em seu livro “Auschwitz: Técnica e Operação das Câmaras de Gás”, no tamanho mostrado no filme “O Triunfo do Espírito” (que recriava um gaseamento no Krema 2) e no tamanho descrito durante décadas pelas testemunhas? Efetivamente, pode-se dizer que os furos mostrados nas fotos aéreas são ridiculamente grandes... Muito maiores do que seria necessário para verter dentro dele uma lata do gás Zyklon-B.
10. Por que não estão presentes os quatro buracos no teto do bloco da Krema 2? Seu teto, embora tenha despencado, está perfeitamente intacto e tanto sua parte superior como inferior ainda estão visíveis. Há dois furos em partes opostas de seu teto (uma delas parece muito mais uma grande fenda do que propriamente um furo), mas os outros dois simplesmente não existem; e a parte inferior do teto, ainda com os pequenos buracos visíveis, tampouco mostra sinais de terem existido estas duas outras vias. Além disso, não há vestígios destes dois buracos

⁴ Representada no Museu Estatal de Auschwitz e no Museu Americano de Memória ao Holocausto

na parte superior do teto. Como se pode explicar a ausência destas vias e de seus vestígios?

11. Que circunstâncias puderam produzir o bloco do teto da Krema 2 como o vemos atualmente, com os dois buracos visíveis e os outros dois não existentes? Se os Nazistas tentaram eliminar os rastros dos furos presentes no teto, por que pararam, após terem eliminado somente dois? Por que fariam tanto esforço para apagar completamente todo e qualquer vestígio de dois dos furos no teto para simplesmente não fazer esforço algum para eliminar os outros dois, que sobreviveram à demolição?
12. Pode ser que os dois furos ainda existentes tenham sido eliminados após a libertação, pelos soviéticos ou os poloneses? Não admite Pressac que estes dois furos não correspondem com as posições daqueles presentes nas fotos aéreas (Pressac diz que isto pode ser devido ao fato de que o teto “se deslocou” durante a demolição, mas mesmo que este tenha “se deslocado”, isto não explica o porquê estes furos, que se supõe estarem alinhados no meio do teto, mudaram sua posição e não estão mais alinhados em seu centro, completamente intacto, do bloco)? Estes buracos estão em uma incrivelmente ruim posição; suas bordas são consistentemente ásperas, sem qualquer polegada de suavidade. E já não são mais circulares. Parecem como que se alguém tivesse simplesmente golpeado com um martelo perfurador através do teto. Os oficiais do Museu Estatal de Auschwitz explicam que isto se deu por conta da demolição do teto, que resultou nas péssimas condições destes buracos (isto é, que ERAM redondos e suaves até a demolição).

Mas se alguém observar aos restos do teto do “vestiário”, que foi destruído de forma similar e que hoje se encontra em condição ainda pior do que o teto da câmara de gás, este vê os restos do furo de ventilação deste local, que ainda é perfeitamente circular e está suave – inclusive após a demolição e depois de cinquenta anos em condição de escombros.

Por que o buraco do teto do vestiário permaneceu intacto, enquanto que os dois furos do teto da câmara de gás existentes se deram a existir após a demolição, sem o menor vestígio de que tenham sido alguma vez circulares e suaves?

Se considerarmos que os dois buracos existentes no teto da câmara de gás não correspondem com a suposta posição do teto, podemos teorizar que TALVEZ estes dois furos tenham sido esculpido após a liberação do campo?

Hoje, se admite por parte do Museu Estatal de Auschwitz que os Soviéticos, após a liberação do campo, cavaram com brocas “furos de indução de Zyklon-B” no teto da Krema 1 (Campo Principal de Auschwitz).

Não é preciso assumir uma má fé nos Soviéticos (eles podem ter acreditado honestamente que estavam “restaurando” o teto do estado no qual o encontraram), mas este fato estabelece claramente que os Soviéticos FIZERAM, de fato, uma perfuração com brocas de “buracos de indução de Zyklon-B” no teto após a liberação do campo que, até este momento, sequer existiam.

É possível que isto explique os dois descuidados “buracos de instalação de Zyklon-B” no teto da Krema 2?

13. É dito que os Nazistas destruíram as Krema 2 e 3 na tentativa de ocultarem provas da existência das câmaras de gás. Mas, que “prova” de gaseamentos teria sido proporcionado pela Krema 2 se esta não tivesse sido dinamitada? Não estão presentes fortes traços de Zyklon-B nem manchas azuis nas paredes e, inclusive, foi tomado um grande cuidado, obviamente, para eliminar o mais mínimo vestígio dos furos de indução de Zyklon-B. O Krema 2 teria se parecido com um depósito de cadáveres comum. Foi a destruição do Krema 2 uma tentativa de ocultar as evidências da câmara de gás, ou simplesmente a destruição de uma instalação de cremação, tendo em vista o avanço dos soviéticos? Foram as mesmas instalações de cremação de outros campos, dos quais nunca se foram afirmadas a existência de câmaras de gás, também destruídas?
14. Se alguém há de acreditar que os quatro buracos de indução de Zyklon-B sequer existiram alguma vez no teto da Krema 2, deve ser assumido que os Nazistas passaram por grandes esforços para ocultar meticulosamente qualquer vestígio de ao menos dois destes buracos. Contudo, nos é dito que os Soviéticos, após a liberação do campo, “reabriram” os furos de indução de Zyklon-B na câmara de gás da Krema 1 (no momento da liberação, este local foi utilizado como refúgio antiaéreo). Eles sabiam exatamente aonde “reabrir” os quatro buracos porque os vestígios destes estavam AINDA PRESENTES. A idéia de que os traços da via de indução do Zyklon-B ainda eram visíveis é apoiada pelos oficiais do Museu Estatal de Auschwitz e pelo autor Jean-Claude Pressac. Por que os nazistas não tentaram “cobrir” ESTES furos, especialmente concluindo que a câmara de gás Krema 1 foi abandonada como tal PELO MENOS um ano antes da liberação do campo, dando aos nazistas tempo mais do que de sobra para eliminar seus vestígios?

Os Nazistas, aparentemente, realizaram um trabalho incrivelmente bom eliminando os vestígios de buracos no teto da Krema 2, embora o tempo tenha sido escasso (eles sabiam que os Soviéticos estavam avançando e estavam ocupados fazendo todos os preparativos para abandonar o campo); contudo nos é dito que eles NÃO tentaram, de forma igual, ocultar os vestígios dos furos presentes no teto da Krema 1, inclusive quando tiveram ao menos um ano para fazer-lo. Por que eles haveriam de realizar um trabalho tão exigente e preciso de ocultação da existência das vias de indução de Zyklon-B no teto que logo iriam dinamitar (Krema 2) e, contudo, deixar vestígios destes furos permanecerem no teto que foi deixado perfeitamente intacto quando do avanço dos Soviéticos (Krema 1); não é tudo isto contraditório?

3. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Mauthausen (Áustria).

15. A câmara de gás presente no campo de concentração de Mauthausen (Áustria) não possui fechaduras em suas portas; não há nem mesmo buracos ou encaixes aonde estas fechaduras pudessem ter estado alguma vez. As portas podem ser abertas desde dentro e fora. Como podem ter sido gaseados seres humanos neste local?
16. Os olhos mágicos em ambas as portas das câmaras de gás de Mauthausen não apresentam grades semi-esféricas metálicas cobrindo o vidro, que teriam sido absolutamente necessárias para a prevenção de que as vítimas golpeassem o vidro e fizessem com que o gás escapasse. Não há furos, nem mesmo encaixes aonde eles possam ter estado alguma vez sequer. Não escreve Pressac de forma extensa sobre a necessidade de tais grades semi-esféricas? Além disso, não narra testemunhos de sobreviventes acerca da necessidade destes objetos metálicos durante um gaseamento homicida? Sem esta grade de metal, o que impediu aos internos de golpear o vidro, usando suas mãos ou a abundante tubulação da ducha que havia na câmara?
17. Por que não há vestígios de Zyklon-B e nem sequer manchas azuis nesta câmara?
18. O teto desta câmara é o baixo o suficiente para que os internos o alcançassem. Além disso, o buraco nele, através do qual os cristais de Zyklon-B foram supostamente vertidos é suficientemente pequeno para ser bloqueado pelas mãos de qualquer um dos internos. Como pode ter sido vertido eficazmente o Zyklon-B neste local?
19. Há um grande bueiro no chão deste local. Não há furos, nem mesmo encaixes aonde uma grade pudesse ter sido instalada. O que impediu às vítimas que jogassem os cristais de Zyklon-B ralo abaixo?
20. De forma contrária ao “falso cômodo de ducha” que, de fato, possuía falsas cabeças de ducha (que estavam diretamente rosqueadas no concreto do teto), estas estavam ligadas a um intrincado labirinto de canos de água que atravessavam toda a longitude do teto e de todas as paredes. Não lembra este cômodo a uma autêntica sala de duchas? Como sabemos que não foi exatamente isto?
21. Qual poderia ter sido a idéia por trás da construção de uma falsa sala de duchas com tal intrincado labirinto de canos atravessando o telhado e todas as paredes? Não destruiriam os internos a estas instalações fixas? Não escreve Pressac sobre como as vítimas destruíam as instalações elétricas e qualquer outra coisa na câmara? Não serviria o encanamento como perfeitas armas, com as quais se poderia fazer um buraco através dos olhos mágicos não protegidos (sem mencionar o fato de que as portas não possuem fechaduras)? E, se os prisioneiros não quisessem bloquear os furos de indução de Zyklon-B com suas mãos, as cabeças das duchas teriam encaixado nos buracos facilmente. Por que

não se implantou o método (como em Dachau) das “falsas cabeças de ducha rosqueadas diretamente ao teto”?

22. Considerando a ausência de vestígios de Zyklon-B, de fechaduras nas portas, de grades metálicas para os olhos mágicos, além de um método viável para verter o Zyklon-B e, acrescentando a isto, o bueiro no chão, o encanamento de água e as autênticas cabeças das duchas neste cômodo, por que não podemos assumir que se tratava simplesmente de uma sala de ducha verdadeira?

4. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Dachau (Alemanha)

23. Afirma-se que o método pelo qual era induzido o Zyklon-B dentro da câmara de gás de Dachau ocorria mediante dois dutos inclinados que eram encaixados em uma de suas paredes, através da qual o Zyklon-B era vertido. O que impediu às vítimas de colocarem suas costas contra a boca destes dutos, prevenindo assim que os cristais sequer entrassem no cômodo?
24. Se os cristais, mesmo assim, FOSSEM capazes de adentrar ao cômodo, os dois dutos estão localizados exatamente acima de dois grandes bueiros que estão no chão. Não há furos, nem mesmo encaixes aonde alguma cobertura para estes bueiros pudessem ter estado. O que poderia ter impedido que cristais caíssem diretamente para os bueiros?
25. Existe um misterioso cômodo (não aberto ao público, mas visível através de várias janelas) próximo ao local da câmara de gás. Parece que este cômodo possui tubulações de água e gás que se dirigem diretamente até a câmara de gás e acabam lá. Era a câmara de gás na realidade uma ducha? Qual é o fim deste “cômodo misterioso”? O que se pode conseguir em ignorar esta local que, por alguma razão, deve possuir ALGUMA finalidade?
26. É freqüentemente dito que os Nazistas trataram de ocultar a evidência de seu programa de extermínio falando de forma codificada, e raramente falando de extermínios em seus informes. De modo similar se mantém que, como se tornou claro o fato de que iriam perder a guerra, eles logo trataram de destruir as provas de seus crimes (diz-se que a destruição das quatro Krema de Birkenau é parte deste “encobrimento”). Como, então, pode alguém explicar a câmara de gás de Dachau? As óbvias falsas cabeças de duchas são provas incontrovertíveis do propósito homicida deste local. É impossível negar as falsas cabeças de ducha/uma câmara de gás homicida. Contudo, acreditamos que esta câmara de gás NUNCA FOI UTILIZADA. E se supõe que devemos acreditar que este local, da forma como se vê atualmente, está exatamente no mesmo estado original de que no momento no qual foi encontrado pelo Exército Americano quando o campo foi liberado. Agora, os detalhes da liberação do campo são bem conhecidos: Dachau não foi tomada de surpresa. Os guardas do campo sabiam que os americanos estavam a caminho. Então, nos é dito q eu devemos acreditar que os alemães, SABENDO que o campo se renderia, deixaram o cômodo da câmara de gás (que não foi sequer UTILIZADA como tal) em condições que apontam à um propósito homicida. Por que não foram mudadas as falsas cabeças das duchas?⁵

⁵ Pode haver uma resposta simples ao caso das cabeças de ducha de Dachau. A altura do teto na “câmara de gás de Dachau” é agora de 7.6 pés (N.T. algo em torno de 2,28 metros). Contudo, no Documento L-159, No. 47 do 79º Congresso, 1ª Sessão (Mostra Nº. USA-222; IMT, XXXVII, p. 621), que detalha as investigações do Exército Americano no campo de Dachau depois de sua liberação, o teto do local foi medido em 10 pés (N.T. Aproximadamente 3 metros). As falsas cabeças de ducha que existem hoje no teto de 7,6 pés são feitas de chapa de metal. O Documento Nº 46 descreve o teto de 10 pés como tendo “instalações de latão”, que podem muito bem ter sido autênticas cabeças de ducha e tubulações, mas que, em qualquer caso, estão ausentes do teto desta habitação. Basicamente, em algum momento entre a

Por que não houve uma tentativa de “encobrimento”, como ocorreu em Auschwitz? Ao contrário das câmaras de gás de Auschwitz, esta não estava nem sequer em uso! O que de bom possuiria um cômodo nunca utilizado que somente servia para gritar ao mundo “os Nazistas estão gaseando os Judeus”? Por que os nazistas, os quais NÃO estavam utilizando a “câmara de gás” para matar pessoas, deviam deixá-la neste estado tão flagrante, especialmente quando os Americanos se aproximavam? Lembre-se que, com as falsas cabeças de ducha, este local também era impossível de ser utilizado como DUCHA. Então, este local NÃO possuía FINALIDADE alguma; não foi utilizada como uma câmara de gás, e não poderia ser utilizada nem sequer como uma ducha. É dito a nós que aceitamos o fato de que os alemães mantiveram um cômodo grande e INÚTIL em um dos edifícios mais importantes do campo de Dachau (a “câmara de gás” está situada no edifício que alberga os cubículos do Zykon-B utilizados para a fumigação da roupa) e que esta local permaneceu SEM QUALQUER USO durante anos, mas nunca foi despojada das falsas cabeças de ducha, que apontam irrefutavelmente para as intenções assassinas dos Nazistas.

Seguramente, entendendo o grande esforço necessário aos alemães para manterem seus planos de gaseamento/extermínio em segredo e o grande esforço que supostamente os levou, em outros campos a “esconderem seus crimes”, uma vez que os Aliados estavam avançando (isto é, a destruição das Krema 2 a 5 em Auschwitz), podemos esperar que tivessem realizado a tarefa muito simples de retirar as falsas cabeças das duchas (e, talvez, engessar as marcas aonde as estas estiveram). Por que não fizeram isto?

Lembre-se de que o informe produzido pelo Exército Americano (e também o governo Americano, nesta questão) não é muito bom quando se trata de ser honesto sobre o campo de Dachau. Se tivermos de assumir que o Exército criou uma “câmara de gás” fraudulenta, ajuda a entender que já há provas de que ele foi menos do que honesto ao apresentar o campo ao mundo. O mais notável neste assunto é o jogo fotográfico que se acontece ainda hoje (especialmente no “Museu da Tolerância”, de alta tecnologia, do Centro Wiesenthal, aqui em Los Angeles), aonde a imagem da porta de um dos CUBÍCULOS DE FUMEGAÇÃO DE ZYKLON-B, coberta com advertências de gás venenoso, caveira com ossos cruzados, além do horário de gaseamento é mostrada (freqüentemente com um soldado de pé em sua frente) juntamente à legenda de que esta é a porta à câmara de gás “HOMICIDA” de Dachau (por isto, dando a impressão de que o gás Zyklon-B foi utilizado no que se afirma ser uma câmara de gás homicida). Isto é pura fraude, e não o tipo de fraude que o Exército pode ter perpetrado “por acidente”. Em imagens difundidas pelo Exército Americano, as portas que dão a estes pequenos cubículos de fumigação eram representadas como as portas das quais se afirmam serem as câmaras de gás homicidas... e isto não é algo que acontece por acidente. Para as pessoas que, como minha mãe e o resto de minha família, judeus vivendo nos Estados Unidos durante os anos quarenta, a propaganda da câmara de gás de Dachau é aquilo que mais

liberação de Dachau e o ataque da Imprensa sobre a “câmara de gás de Dachau”, um teto de 10 pés com instalações de latão se converteu em um teto de 7,6 pés com falsas cabeças de ducha confeccionadas de folhas de metal em forma cônica. Como? Creio que podemos tentar adivinhar-lo!

claramente se recordam como sendo a primeira fotografia do conceito das câmaras de gás homicidas.

5. Perguntas sem resposta sobre a evidência Física no Campo de Concentração de Majdanek (Polônia).

27. A câmara de gás número 1 possui duas portas; ambas as quais se abrem para DENTRO do cômodo da câmara de gás. Como pode uma câmara supostamente homicida de gás possuir duas portas que se abrem para DENTRO? Não se golpeariam os corpos contra elas, como descrevem em numerosas ocasiões as testemunhas?
28. A porta principal em direção à câmara de gás não possui fechadura alguma. Pode ser aberta tanto de dentro como de fora. Não há furos, nem mesmo encaixes onde uma fechadura pode ter estado algum dia. O que impediu aos internos de abrir esta porta?
29. A câmara de gás 1 possui uma janela de vidro liso em sua estrutura. Não há buracos, nem mesmo encaixes ao redor deste local aonde barras ou qualquer outro tipo de revestimento possa ter estado algum dia. Dado que o gesso ao seu redor está coberto de manchas azuis, sabemos que este é o mesmo material que existiu durante o tempo em que se usou o gás Zyklon-B neste local. SE TIVESSEM existido barras ou qualquer outro tipo de revestimento unido à esta janela, por que não há vestígio algum? O que poderia impedir aos internos de tentar subir através dela, ou de quebrá-la, fazendo com que o gás escapasse?
30. Há um cômodo DENTRO da câmara de gás 1. Por que deveria haver um local separado, DENTRO de uma câmara de gás? Não indica a existência disto que a câmara de gás 1 foi utilizada para ALGO distinto de matar pessoas?
31. As câmaras de gás 2 e 3 estão desenhadas ao contrário. A câmara 2 possui uma via de indução de Zyklon-B em seu teto, mas não há vestígio algum deste gás ou quaisquer manchas azuis. A câmara 3 possui fortes vestígios de Zyklon-B do solo ao teto e manchas azuis; mas não possui nenhum buraco para a indução do gás. E, assim como o teto da Krema 2 em Auschwitz, este não mostra qualquer sinal de ter existido algum dia sequer um furo. Por que deveria haver na câmara 2 uma via de indução para o Zyklon-B e nenhum vestígio sequer; e a câmara 3 muitos vestígios mas nenhum buraco para o gás?
32. Os tetos das câmaras de gás 2 e 4 são suficientemente baixos para que as vias de indução do Zyklon-B pudessem ter sido tapadas pelas vítimas dentro delas. O que poderia ter impedido aos internos de fazer exatamente isso?
33. As portas das câmaras 2, 3 e 4 foram construídas para serem trancadas a chave tanto em seu EXTERIOR quanto pelo INTERIOR. As travas podem ser abertas por ambos os lados. Sugere isto que estes locais foram utilizados para algo muito diferente do que matar pessoas?
34. Voltando ao caso das grades semi-esféricas cobrindo os olhos mágicos, diz-se que a função destes objetos era impedir que os internos rompessem o vidro destes olhos mágicos, o que faria com que o gás escapasse. Contudo, estas grades estão unidas aos olhos mágicos das portas das câmaras de gás 2, 3 e 4 por

seu EXTERIOR. Isto tornaria impossível impedir que alguém desde DENTRO do local rompesse o vidro. Por que não estão estas grades no interior da câmara? Isto contradiz as afirmações de Pressac, e também das testemunhas, no que se refere à necessidade de tais objetos nas câmaras de gás homicidas?

35. O campo de Majdanek está construído sobre uma colina. Em cima da colina está o crematório do campo. Em sua parte oposta, na base de tal colina, está o complexo de “Banho e Desinfecção”, que alberga as câmaras de gás. Partindo do ponto de vista Nazista, qual seria a utilidade de colocar as câmaras de gás na parte oposta de onde estão os fornos do campo e também em sua parte inferior (– depois de cada gaseamento, os cadáveres deveriam ser arrastados para cima do morro, através de toda longitude do campo até chegarem aos fornos)?
36. Enquanto os Nazistas estavam preparando-se para abandonar o campo de Majdanek, destruíram seu crematório. Por que as câmaras de gás não foram destruídas, da mesma forma? Por que eles deveriam deixar suas armas de morte em massa completamente intactas, para que elas viessem ao conhecimento do mundo? O quão difícil poderia ter sido aos alemães destruírem as câmaras de gás, da mesma forma com que fizeram no edifício de cremação? Eles não deveriam ter preenchido ao menos os buracos de indução do Zyklon-B, que se tornaram provas diretas de seus gaseamentos homicidas? Em qualquer caso, a destruição do crematório é uma prova clara de que os alemães tiveram todo o tempo necessário, assim como a habilidade para destruir edifícios do campo, se quisessem. Por que não foram demolidas suas câmaras de gás?
37. Em seu livro “Auschwitz: Técnica e Operação das Câmaras de Gás”, Jean-Claude Pressac publicou uma foto coletada das câmaras de gás de Majdanek, acrescentando a legenda: “Fotografia tirada no campo de concentração de Majdanek, em Julho de 1979, mostrando uma das câmaras de desinfecção que se acredita ser uma câmara de gás homicida”⁶. Na página 555, disse o mesmo sobre as câmaras de gás de Majdanek: “Sinto dizer, e não o único no Ocidente, que as câmaras de gás homicidas e (ou) de desinfecção de Majdanek ainda estão à espera de um verdadeiro historiador, que deve ter em plena vista o fato de que o campo caiu nas mãos dos Russos em 1944”. Sugerem estes comentários que as câmaras de gás de Majdanek podem ter sido realmente câmaras de desinfecção? Ao menos, eles não sugerem que ainda não foi realizada uma investigação profunda sobre a finalidade destes locais?

⁶ No que pode somente ser considerado um desafortunado exemplo de como a maior parte das discussões entre os historiadores do Holocausto são salvaguardadas do público, o mesmo local que Pressac descreve em seu livro como uma “câmara de gás para desinfecção”, é mostrada no livro “O Mundo Deve Saber”, que é o livro oficial do Museu Americano em Memória do Holocausto, em Washington, escrito pelo Diretor do Museu, o **Dr. Michael Berenbaum**. Neste livro, Berenbaum descreve o local como uma câmara de gás HOMICIDA e, mais ainda, um modelo foi montado para ser exibido NO MUSEU como PROVA das câmaras de gás homicidas! Assim, no livro de Berenbaum e no PRÓPRIO Museu, o ÚNICO material oferecido como prova de gaseamentos homicidas é ESTE CÔMODO, que Pressac acredita firmemente ter sido somente uma câmara de desinfecção (de fato, em seu livro de Auschwitz, Pressac RIDICULARIZA àqueles que dizem que este local de Majdanek ser prova de gaseamentos homicidas e critica a todos; desde o homem que julgou Faurisson na França, até o pessoal do Museu Estatal de Majdanek, por perpetrar a fraude).

38. Para continuar no assunto da câmara de gás de Majdanek: Se tomarmos os comentários de Pressac e então adicionarmos o fato de que suas portas não possuem trancas; que todas elas se abrem para DENTRO da câmara; que suas trancas podem ser manipuladas tanto do exterior quanto do interior; de que janela na câmara de gás 1 está completamente exposta; o cômodo dentro da câmara de gás 1; a ausência de uma via para a indução do Zyklon-B na câmara 3; a ausência de qualquer tipo de vestígio de Zyklon-B na câmara de gás 2 (que POSSUI um “buraco para a indução de Zyklon-B”); as fortes manchas azuis no EXTERIOR do edifício; além do edifício estar localizado na parte inferior da colina e também na parte oposta do local aonde está o crematório. Levando em consideração tudo isto; é razoável sugerir que estas habitações eram simplesmente câmaras de desinfecção?

Mas importa a alguém que o público em geral, que todos os milhões de pessoas possam estar recebendo uma informação fraudulenta? Alguns podem sugerir que disputas como estas devem ser mantidas privadas, para não abalar a confiança do público na história do Holocausto, ou nos historiadores dele. Mas, não crê você que possuímos a RESPONSABILIDADE de não alimentar estas sabidas falsidades ou as afirmações ocultadas, nunca provadas, como fatos inquestionáveis? Não crê você, que temos a responsabilidade de sermos honestos para com nossa investigação? Se não, o que nos faz diferentes dos “historiadores” da União Soviética, ou da Alemanha de Hitler, que a plena consciência fizeram sob medida sua investigação para produzir uma conclusão politicamente conveniente? Quando o fim começa a justificar os meios, olhe para a integridade que parte, voando para fora de sua janela.

Tão ruim quanto é a desinformação do público acerca de Majdanek, a purga estalinista dos informes oficiais no livro de Pressac, “Auschwitz: Técnica e Operação das Câmaras de Gás”, é pior. Esta peça mestra de historiografia, fortemente anunciada na imprensa em sua época, AGORA não se encontra quando as referências a Pressac são feitas. Um artigo recentemente publicado na revista “Publisher’s Weekly”⁷, detalhando um vindouro livro do Museu Americano do Holocausto, contendo 29 redações originais de estudiosos sobre o Holocausto, que incluem as de Berenbaum e Pressac, não apenas se descuida de mencionar o livro de Pressac acerca das câmaras de gás, mas parece sugerir que a conversão de Pressac de revisionista a crente nas câmaras de gás aconteceu somente há pouco tempo, quando estava investigando seu “pequeno volume” recentemente publicado sobre o crematório de Auschwitz. O período inteiro dos anos 80, no qual Pressac passou investigando seu livro sobre as câmaras de gás, após sua “conversão”, é omitido.

Porém, estudiosos do mundo inteiro continuam utilizando o livro sobre as câmaras de gás de Pressac (se são suficientemente afortunados de possuírem uma de suas poucas cópias), fundamentalmente porque, embora alguém esteja em desacordo com as conclusões do autor, seu livro AINDA é a melhor (e a única) fonte para constatar os vestígios azuis, os deslizamentos nas construções, as alterações de planos e também sobre as comunicações entre os escritórios no que concerne às “câmaras de gás” de Auschwitz. Nenhum lado desde debate está

⁷ N.T.: Literalmente traduzido como “Semanário de Editores”

totalmente de acordo com Pressac. Porém, para os que apóiam a história das câmaras de gás, seu livro é uma vergonha precisamente pelo fato de ser tão minucioso. É o trabalho mais minucioso publicado até hoje sobre as câmaras de gás, mas o autor não pôde encontrar essa alusiva prova objetiva dos gaseamentos. Por conta disto, aparentemente os historiadores agora decidiram fingir que seu livro simplesmente não existe. Eu sempre me referi ao livro sobre as câmaras de gás de Pressac como o estudo mais popular sobre o assunto que jamais existiu!

6. Quatro perguntas sem contestar sobre Stutthof

(Quando estava preparando as 38 perguntas originais, não me preocupei com a pequena “câmara de gás” de Stutthof pelo fato de que poucas pessoas ainda a levam a sério. Stutthof foi o campo onde os Nazistas supostamente fizeram o “sabão judeu”. Quando a história do sabão caiu em descrédito, o mesmo aconteceu com grande parte do testemunho sobre a “câmara de gás” de Stutthof. Contudo, em “The Crusaders”, um show recente, emitido em horário nobre da rede de televisão NBC, decidiu-se reviver esta raramente mencionada “câmara de gás homicida”, produzindo um especial sobre Stutthof que indicava a existência de uma câmara de gás intacta no campo. Este especial de “The Crusaders” foi agora adaptada como parte do currículo da educação holocáustica nas escolas públicas da Califórnia. Por isto, pensei que um breve resumo sobre o assunto, e umas poucas questões sobre a “câmara de gás” de Stutthof seriam adequadas).

Breve resumo:

O campo de concentração de Stutthof, localizado a 35 km ao leste de Gdansk⁸, foi desenhado por civis poloneses e designado para se tornar um “campo para internos civis”. A “câmara de gás” de Stutthof, um edifício relativamente pequeno (possui 8 metros de largura, 3 de comprimento e 2,3 de altura), está localizado porta a porta com o crematório do campo (que foi destruído enquanto os alemães abandonavam o local, tendo sido, após isto, reconstruído pelos poloneses), possui suas paredes completamente cobertas tanto dentro, quanto de fora, com as deladoras manchas azuis que surgem uma utilização repetida do Zyklon-B. Há um fogão, além uma chaminé na parte de fora, para esquentar o interior. Dentro, um longo duto de argila recorre toda a longitude de uma das paredes.

Este edifício é claramente uma câmara de desinfecção. Os grânulos de Zyklon-B eram colocados no duto de calefação e o fogão era aceso. Este duto se esquentaria, fazendo com que os grânulos liberassem o gás. As duas portas estariam abertas para a ventilação natural. Esta é uma câmara de desinfecção alemã à Zyklon-B no “estilo antigo”, construída antes que as mais modernas delas, como aquelas que existem em Dachau, fossem desenhadas (as câmaras mais novas, e mais eficientes energeticamente, vinham equipadas com evaporadores de Zyklon, que esquentavam os grânulos em uma espécie de prato quente e sopravam os gases liberados para as roupas, colchões, etc. Isto era mais energeticamente eficaz, pois era um desperdício de combustível esquentar um CÔMODO COMPLETO, quando era necessário somente que os GRANULOS DE ZYKLON fossem esquentados. Estes evaporadores de gás permanecem em Dachau ainda hoje, nas câmaras de desinfecção do “Barracão X”).

A “evidência” do uso homicida da câmara de gás de Stutthof é um “buraco de indução de Zyklon-B” no teto. É dito a nós que o gás era vertido ao interior através deste buraco – sobre as cabeças das supostas vítimas. O teto desta câmara é acessível somente mediante uma escada.

Tomemos tempo para ler o que Pressac nos diz sobre Stutthof:

⁸ N.T.: a antiga cidade de “Danzig”.

*“É fato conhecido que quando esta câmara de gás foi instalada, era utilizada PARA DESINFECTAR OS UTENSILHOS DOS PRISIONEIROS (ênfase é do autor). Suas dimensões são próximas às dimensões standard daquelas erigidas por BOOS e DEGESCH. Do dia 22 de Junho a princípios de Novembro de 1944, foi utilizada como uma câmara de gás HOMICIDA para grupos de aproximadamente 100 pessoas. O Zyklon-B era vertido ao seu interior através de uma pequena abertura de 15 cm de diâmetro no teto; um sistema aparentemente introduzido depois do conselho dado pelo tenente-coronel das Waffen-SS, **Rudolf Hoess**, comandante de Auschwitz-Birkenau, e então, chefe do Departamento D1 da WVHA-SS (Chefia da Administração econômica da SS). Enquanto que a história desta câmara de gás foi dada a conhecer através dos TESTEMUNHOS relatados pelo padre **Krzysztof Duni-Wasowicz**, não houve exame científico algum da “arma assassina” desde 1945, o que significa que não sabemos se a câmara funcionava como uma instalação de desinfecção, e se somos incapazes de proporcionar prova material deste uso criminal.*

[...] O número de estimado de vítimas é de uma ou duas mil. A visita a Stutthof não nos impressionou grandemente”.

(Pressac; “Auschwitz: Técnica e Operação das Câmaras de Gás”, páginas 539-540).

O pessoal do Museu de Stutthof está de acordo com a afirmação de Pressac no sentido de que esta foi A PRINCÍPIO, E PRINCIPALMENTE, uma câmara de desinfecção – utilizada como tal por muitos anos, e SOMENTE DEPOIS “convertida” em uma câmara de gás homicida.

Agora, perguntemos algumas questões, continuando do ponto onde as deixamos nas “38 Perguntas”.

39. A “câmara de gás” de Stutthof possui um grande bueiro no chão, próximo ao centro do cômodo, DIRETAMENTE ABAIXO da “via de indução de Zyklon-B”. Qualquer grânulo que se deixasse cair através deste buraco, cairia automaticamente neste ralo. E ainda mais; o piso deste cômodo está INCLINADO diretamente para o centro, onde está este bueiro, de modo que qualquer gota d’água ou, neste caso, os grânulos de Zyklon, rolariam diretamente para o ralo. O que impediu que estes grânulos de gás fossem bueiro abaixo, dado que neste local eram vertidos diretamente sobre ele? E, se alguns destes grânulos não fossem diretamente ao buraco, eles certamente rolariam em sua direção. Além disso, os internos não poderiam, simplesmente, os empurrar bueiro abaixo?
40. O teto deste local é suficientemente baixo para que uma pessoa alta pudesse alcançá-lo e, assim, bloqueasse sua “via de indução de Zyklon-B”. Contudo, os pensativos nazistas, ao instalar o duto de calefação, que recorre à longitude inteira de uma das paredes do local, tornaram possível que QUALQUER UM, de qualquer altura, se colocasse sobre este duto para bloquear a saída da qual provinha o calor. O que poderia impedir que os internos bloqueassem a “via de indução de Zyklon-B”, especialmente se eles estavam ESPERANDO o falso

jogo (o local servia como a câmara oficial de desinfecção), conhecida como tal por todos os internos? Nenhum interno esperaria receber uma “ducha” neste local e, de fato, o Museu de Stutthof não realiza nenhuma afirmação sobre este engano (nem, tampouco, fazem as vítimas).

41. Por que não foi este edifício – uma clara “prova” dos crimes Nazistas, com sua “via de indução de Zyklon-B” – DESTRUÍDO quando os alemães evacuaram o campo? Surpreendentemente, o crematório situado PRÓXIMO À SUA LATERAL foi movido e, de fato, um dos lados do edifício da câmara de gás foi GOUPEADA pelos fragmentos, ao explodir-se o crematório. Porém, a câmara de gás foi deixada intacta, mesmo quando, segundo foi relatado pelo sobrevivente de Stutthof, entrevistado no programa televisivo “The Crusaders”, ao final da guerra, que os Nazistas foram ordenados para que MATASSEM TODOS OS INTERNOS do campo, e que eliminar qualquer evidência dos gaseamentos (matando as testemunhas) ocorridos nele.

Por alguma razão desconhecida, esta ordem não foi executada e os internos do campo foram evacuados para o Oeste. Por que os alemães iriam MOVER o crematório e, contudo, deixar a câmara de gás “homicida” em pé? Porque iriam decidir que fossem MORTOS TODOS OS INTERNOS, para “encobrir” seus crimes, mas que deixassem toda a EVIDÊNCIA FÍSICA dos mesmos em pé? Por que eles não iriam AO MENOS encobrir as “vias de indução do gás”, que serviriam como uma PROVA CLARA E INDISCUTÍVEL de seu uso homicida (a não ser que nos atrevamos a imaginar que este furo foi posto pelos Soviéticos/poloneses, tal e como ADMITEM terem feito no edifício que os alemães abandonaram, sabendo que logo iria cair em mãos Soviéticas). Considerando os grandes sofrimentos que os alemães passaram para “encobrir” os gaseamentos em outros locais, qual seria a dificuldade em dinamitar ESTE edifício juntamente com o crematório situado somente a algumas jardas?⁹

42. Dado que o testemunho pessoal é tudo o que temos no que se refere à utilização homicida desta câmara, e que grande parte deste testemunho também menciona o “sabão humano” – que foi desmentido oficialmente há tempos –, que evidências temos de que o testemunho sobre a câmara de gás homicida é mais confiável que aquele do sabão humano?

Eu poderia acrescentar ainda mais uma questão (mas não o farei), sobre o fato de que a câmara de gás de do campo está completamente visível a todos os internos; internos estes que NÃO estavam destinados ao extermínio e que eram, geralmente, Judeus. Estranhamente, os Nazistas, normalmente obsessivos com seus segredos, pareciam também possuir uma obsessão em realizar seus gaseamentos homicidas nos locais mais abertos e mais perceptíveis possíveis... especialmente nos campos não-“exterminacionistas” (em Mauthausen, outro campo não-“exterminacionista”, a “câmara de gás” está localizada em meio aos barracões dos internos, esperando assim, creio eu, criar centenas de milhares de “testemunhas” de algo que os nazistas não discutiam nem sequer com a forma privada das transmissões codificadas).

⁹ N.T. Uma jarda = 90 centímetros.

As quatro perguntas seguintes foram baseadas nos encontros pessoais que eu tive durante minha última viagem à Europa, em Outubro de 1994. Em Lublin, Polônia, me reuni com **Tomasz Kranz**, conservador do Museu Estatal de Majdanek. Falei extensamente com ele, já que havia mantido seu ofício durante dez anos neste campo de concentração.

Duas semanas depois, em um subúrbio fora de Paris, encontrei-me com Jean-Claude Pressac, célebre autor de livros cujo tema é o Holocausto, que se converteu, possivelmente, no homem mais reconhecido em defender a teoria das câmaras de gás. Reuni-me com o Sr. Pressac em sua oficina e cheguei a travar aproximadamente seis horas de discussão sobre as câmaras de gás, histórias do Holocausto, as demandas de publicação nos meios, e muito mais.

Para o propósito desta lista de questões, elegi quatro muito simples, baseadas nestes encontros.

43. O conservador de Majdanek, Tomasz Kranz, teve de admitir, após realizar as mesmas questões que realizei nesta lista, que a maior “câmara de gás” de Majdanek, a de número 1, não se pensou e nem mesmo se utilizou de forma homicida. Grande revelação. Com as portas, a janela, e tudo mais que descarta seu uso homicida, esta é uma conclusão à qual inclusive um menino de cinco anos de idade poderia chegar. Embora Kranz não pudesse oferecer evidência alguma da utilização homicida nas três outras câmaras, aquela de número 1 foi a única que ele esperava descartar completamente como uma habitação homicida.

Pressac foi mais além. Somente queria CONSIDERAR a realização de gaseamentos homicidas na câmara 3. Certamente não possui evidência alguma disso. Mais ainda, admite que os Soviéticos instalaram as falsas “tubulações de gás” na câmara 3 para dar ao local a aparência de uma câmara de gás homicida. Isto é algo para levarmos em consideração, especialmente com o precedente dos Soviéticos para o mau manejo e a falsificação de evidências históricas importantes. Pressac não pôde oferecer qualquer tipo de evidência REAL sobre os gaseamentos neste local.

Mas, minha pergunta é: Por que continua o conservador do museu de Majdanek, Tomasz Kranz, permitindo que este local seja apresentado aos turistas e ao mundo como uma câmara de gás homicida quando, de forma privativa, reconhece que nunca o foi? Se há acordo de que este cômodo nunca foi utilizado de forma homicida, por que continuar promovendo-o como sendo uma câmara da morte? Se o Conservador de Majdanek e o autor europeu mais conhecido sobre o Holocausto expressam tal dúvida acerca da utilização homicida destes e de outros locais, por que as pessoas que, como eu, perguntam estas questões básicas sobre isto são rotuladas de loucos anti-semitas? Se, como crê Pressac, os cômodos 1,2 e 4 não foram câmaras de gás homicidas, que evidência há de que sequer alguém foi assassinado no cômodo 3?

44. Em Auschwitz-Birkenau, os cômodos nas Krema 4 e 5, que foram supostamente utilizadas como câmaras de gás homicidas, possuíam todas bueiros no solo, que desembocavam no sistema de águas residuais do campo. Os desaguadouros do solo podem ser vistos ainda hoje. Dado que nestas “câmaras de gás” é dito que

as pequenas pelotas de Zyklon eram despejadas em grânulos, o que impediu que elas caíssem ralo abaixo, ou que fossem golpeadas com os pés, ou ainda empurradas ao bueiro pelas vítimas?

Pressac estava tomando consciência deste problema. Ele tentou demonstrar que as pequenas pelotas de Zyklon não apresentariam nenhum problema, que elas não apresentariam nenhum perigo no desaguadouro do campo, dado que a água poderia (em sua opinião; isto é um ponto a ser debatido) “neutralizar” o veneno, de forma que não apresentaria perigo quando se dirigisse através das grandes plantas de tratamento do desaguadouro de Birkenau. Mas Pressac perde a chave da questão; o quão perigoso seria o Zyklon-B no desaguadouro é SECUNDÁRIA; o assunto é que se ele estava DENTRO dele, isto significa que as câmaras de gás NÃO estavam realizando o trabalho que os Nazistas tinham a intenção que elas fizessem! Se as vítimas podiam verter as pelotas para o bueiro, isto significa que eles próprios não eram gaseados! Como puderam funcionar estes locais como câmaras de gás homicidas?

45. Existe uma grande boca de acesso quadrada no chão da câmara de gás da Krema 1, no campo principal de Auschwitz. Esta entrada possui uma cobertura de concreto com uma alça metálica. É possível para qualquer pessoa com força normal, e inclusive abaixo do normal, poder levantar a tampa; e a entrada de acesso é o suficientemente grande para que qualquer um, de qualquer tamanho, descesse por ela. O que poderia impedir às vítimas que descessem por este local e escapassem da câmara de gás via bueiro ou, ao menos, evacuar o gás por ali? E, se mesmo assim a fuga não fosse possível, o que impediu que às vítimas que empurrassem ou varressem as pequenas pelotas de Zyklon-B para a boca de acesso e que fechassem sua tampa?

Aqui há algo que devo mencionar, dado que em diferentes ocasiões falei sobre a possibilidade de que as vítimas varressem as pequenas pelotas ralo abaixo, ou para uma entrada de acesso. O Zyklon-B pode matar de forma medianamente eficiente a um ser humano quando seu gás é INALADO. Mata através dos pulmões, não através da pele (a não ser que este contato com a pele aconteça durante longos períodos de tempo e em concentração muito elevada). Por tanto, estas pelotas podiam ser facilmente seguradas pelas vítimas em uma câmara de gás sem correr nenhum perigo pela absorção através da pele. De fato, uma mescla de Zyklon era freqüentemente fumegada diretamente sobre os braços e as pernas das pessoas durante os processos de desinfecção em Auschwitz e o gás foi também utilizado em uma solução líquida para banhar as pessoas na desinfecção. E, com relação às pelotas emanando seus gases, deve ser lembrado que o Zyklon-B começa a liberar fumaça somente quando é esquentado. Quanto mais quente está, mais rápida é a evaporação.

Mas as Krema 1, 2 e 3 não somente estavam SEM AQUECIMENTO, mas parcialmente ou totalmente ABAIXO DO SOLO! Os três locais foram utilizados, ou desenhados, como depósitos de cadáveres; foram PENSADAS com o intuito de estarem frias o tempo todo. Nunca se explicou como o Zyklon foi esquentado, especialmente nos gélidos meses de inverno. O melhor que a outra parte pode fazer é argumentar que a própria temperatura do corpo das

vítimas esquentava os cômodos. Mas isto levaria tempo e a “confissão”¹⁰ do homem que mandava em Auschwitz, o Comandante Hoess, fala de um rápido processo – introduzir os prisioneiros como um rebanho, verter o gás e ventilar a habitação. Tempo algum é mencionado sobre deixar as vítimas esquentarem o local. As pequenas pelotas de Zyklon caindo em um ambiente frio e aterrissando sobre o solo gelado, não somente emanariam uma quantidade ínfima de gás, mas não representariam perigo algum para as vítimas que as empurrassem para o ralo, ou a entrada de acesso. O que poderia impedir aos internos de fazerem exatamente isto? (No informe, há um bueiro ao solo da “câmara de gás” da Krema 1, assim como uma entrada de acesso... porém, com uma entrada deste tamanho, o bueiro se torna algo quase irrelevante!)

Em 1992 fiz esta pergunta sobre a boca de acesso ao **Dr. Franciszek Piper**, Antigo Conservador do Museu Estatal de Auschwitz e ele não teve resposta alguma para dar. Quando fiz a mesma pergunta a Pressac, ele pensou que eu estava brincando consigo; não acreditou que HAVIA uma entrada de acesso no Krema 1! Fiquei confuso ao ver que nunca a havia visto. Argumentamos sobre isto durante algum tempo até que tive de procurar em seus arquivos e encontrar uma foto do Krema 1 e MOSTRAR-LHE a maldita boca de acesso. Agora era ELE quem estava confuso. “Durante os últimos dez anos, estive no Krema 1 mais vezes do que posso possivelmente contar”, disse ele (em francês, certamente), “e nunca notei a boca de acesso!”.

“A próxima vez que for lá, Jean-Claude”, lhe respondi, “deveria olhar para baixo!”. “Ah, esse é o problema, David”, disse. “Você olha para baixo enquanto eu olho para cima”. Bom, para informar, eu também olho para cima. Minha intenção é notar as coisas, levar a sério estas câmaras de gás; caminhar nestes locais e fazer três perguntas: “Como se supõe que funcionou esta câmara de gás?”, “O que aconteceria se isto acontecesse deste modo?” e “Quais são as evidências de que isto se sucedeu?”. Os historiadores da corrente principal ignoram as perguntas difíceis. Não possuem nada a perder ao relatarem suas próprias crenças. Como resultado, todos eles freqüentemente não prestam atenção aos detalhes cruciais de suas próprias histórias. Chegam primeiro às suas conclusões e só então prestam atenção à evidência na qual é apoiada esta conclusão. Não buscam TODA a evidência.

Como resultado, os historiadores da corrente majoritária do Holocausto tiveram de explicar somente os problemas e discrepâncias em sua história (como a ausência de vestígios de Zyklon-B) somente após os revisionistas assinalaram estes problemas. Os historiadores desta corrente nunca tentaram explicar os problemas com a história da câmara de gás intencionalmente; sempre tiveram de ser induzidos a fazerem isso. (Isto, dito seja, não constitui uma situação única na história do Holocausto. O valor de uma sociedade aonde a existência da dissidência é permitida está no fato de que, freqüentemente, é a existência de dois ou mais grupos opostos em uma questão, o que induz e anima a busca pela verdade. Cada lado critica o outro sem piedade e, conseqüentemente, o público toma consciência de possíveis falhas em TODOS os lados. Se uma escola de

¹⁰ N.T. Esta “confissão” à qual o autor se refere foi extraída após uma semana inteira com vários tipos de torturas, tendo sido assinada por Hoess em um documento datilografado no idioma Francês, o qual o oficial não possuía fluência alguma.

pensamento é protegida de crítica, como a história do Holocausto está em todos os países onde questionar as câmaras de gás é uma ofensa ilegal e punível, essa escola de pensamento pode permanecer sem ser revisada de seus erros).

Por exemplo, no caso da boca de acesso, aparentemente a outra parte ainda não foi capaz de racionalizar sua presença em uma câmara de gás supostamente homicida. Eu dou boas vindas a seus intentos. No melhor dos casos, existe algum fato que EU NÃO ESTOU percebendo. Não me importa se alguém procede com a hipótese de que havia câmaras de gás homicidas ou com aquela de que não as houvesse, contanto que sempre busquemos isto com boa fé – pelos fatos. O único crime é o fato de querer afastar às perguntas difíceis, fingindo que elas não existem ou ultrajando as pessoas que não fazem outra coisa senão perguntar-las.

46. Outra coisa que aprendi de Pressac é que ele crê que a “câmara de gás” da Krema 1 possuía TRÊS “vias de indução de Zyklon-B”, percorrendo em linha reta o teto. Mas, o Museu Estatal de Auschwitz acredita que havia QUATRO destes furos, percorrendo em duas linhas de dois furos. Quando os Poloneses e os Soviéticos colocaram os furos no teto da Krema 1 após a liberação do campo, esta é a versão na qual instalaram; quatro buracos em duas linhas. Esta é a versão que pode ser vista ainda hoje neste local. Porém, Pressac diz que estão equivocados; havia TRÊS buracos em linha reta. Quem tem razão? Havia três ou quatro furos? E como é que sabemos sequer se existia furo ALGUM? Não há furos presentes em foto aérea alguma, e eles não existiam quando os soviéticos liberaram o campo.

A pergunta importante é a de COMO pode tal debate (três ou quatro?) entre os grandes estudiosos do Holocausto pode possuir qualquer importância? Isto somente é possível porque uma evidência firme acerca dos gaseamentos em Auschwitz é tão escassa, que algo como isto pode ainda ser um assunto importante mesmo cinquenta anos depois. Quaisquer que sejam as evidências de gaseamentos no Krema 1, não há nenhuma aparentemente SUFICIENTE para proporcionar uma descrição da câmara de gás com a qual todos os estudiosos possam colocar-se de acordo. Isto não seria tão grave se tivéssemos toneladas de evidência SUPLEMENTAR (isto é, vestígios de Zyklon-B nas paredes, que fossem mais acentuadas que o resto dos cômodos; evidência de pessoas adentrando o edifício e nunca saindo; um sistema especial de ventilação e equipamento de calefação, transmissões codificadas Alemãs ou documentos falando de gaseamentos, etc.); então poderíamos ao menos dizer, “Bom, sabemos que havia gaseamentos, apenas não estamos seguros sobre o desenho das câmaras de gás”. Porém, não há evidência suplementar alguma. Não temos descrição da arma assassina da Krema 1 e, TAMPOUCO, possuímos qualquer evidência de assassinato neste local. Inclusive, mesmo o melhor promotor público do mundo estaria perdido caso quisesse conseguir uma condenação, se este caso estivesse correndo em qualquer corte comum Americana.

Tudo o que possuímos são testemunhos. E somente alguns poucos. Mas Pressac gasta grande parte de seu livro sobre as câmaras de gás demolindo estes testemunhos, tidos por falsos. Temos aquele proveniente de Hoess, Comandante do Campo, o homem que DEVERIA ser capaz de prover-nos com a melhor

descrição da câmara de gás da Krema 1, mas **Pressac, Hilberg, Lipstadt, Chris Browning** e a maioria dos demais estudiosos do Holocausto repudiam seu testemunho por ser pouco confiável, fabricado, ou simplesmente falso. Assim, o que resta? Pressac busca em vão por QUALQUER evidência sólida para reproduzir em seu capítulo sobre o Krema 1, e acaba com simplesmente nada. Como resultado, este capítulo é, talvez, o mais torpe em todo seu livro. O autor começa afirmando sua crença nos gaseamentos homicidas neste local, mas logo continua, sem oferecer evidência alguma e, além disso, duvida da credibilidade dos testemunhos, que são a única evidência que oferece. A alguém que lê o livro, fica a idéia de que: “Jean-Claude Pressac crê nos gaseamentos homicidas na Krema 1... mas não estou seguro do por que.”

O que procuro é analisar as evidências que levam a questionarem-se os gaseamentos (a boca de acesso, o bueiro no solo, a ausência de vestígios de Zyklon-B, a ausência de evidência documental, a falta de evidências em fotos aéreas, a falta de ventilação, o fato de que o cômodo é extremamente frio, etc., etc.), e contrapor isso a qualquer outra evidência A FAVOR dos gaseamentos (uns poucos testemunhos dos quais os especialistas duvidam).

O debate sobre o desenho desta “câmara de gás” pode enojar aos historiadores da corrente principal; principalmente por conta de sua falta de evidências. E é por isto que é legítimo perguntar-se “Se não sabem se havia três ou quatro furos, como é que sabem se houve furo ALGUM?”.